

4 ETNOPOESIA

Entrada

Etnopoesia é a um tempo um programa científico e poético, ligando a postura fundamental do etnólogo, que avança indagando e pesquisando, com a postura fundamental do poeta, que procura a correspondência verbal. Nada deve ser poupado. A alternância de entusiasmo e decepção que acompanha todo o viajante deve ser representada na contraditória realidade em que o exótico está ao lado do banal, a pureza junto da corrupção, o autêntico ao lado da imitação, a velha sabedoria ao lado dos rios poluídos (FICHTE, 1987, p. 26).

As palavras acima descritas, que conceituam a etnopoesia são de Wolfgang Bader, o responsável pelo prefácio da obra de Hubert Fichte, intitulada “Etnopoesia: antropologia poética das religiões afro-americanas”. Fichte, baseado nas pesquisas de campo de Malinowski, desenvolve esse método como uma maneira de dar voz significativa ao outro expressando seus tormentos, sua solidão, o autor radicaliza o programa etnopoético. É uma resposta à maioria das indagações de muitos pesquisadores, sobretudo os etnólogos quando perguntam; Devemos contar tudo? Devemos fazer uma seleção? Devemos transfigurar os fatos?

A obra de Fichte, responde todas as perguntas quando ele diz: “acho que devemos contar tudo” (p. 26). Assim, a etnopoesia extrai uma soma crítica de ciência e literatura porque se liga ao conceito moderno de poesia, também transcende a doutrina lingüística exclusivamente intrínseca, ampliando a poesia como meio de conhecimento.

“Nada deve ser poupado”. É o que entende Wolfgang quando pensa na obra de Fichte, pois para ele, toda essa realidade contraditória deve ser representada na esfera em que se encontrar, da maneira que se apresentar estará sempre ligando novas realidades e propondo um novo meio de conhecimento, em que somente a subjetividade de quem ganha a autorização para falar é capaz de representar essa realidade. O pesquisador nesse caso se coloca como intermediário, anotando e segurando o gravador, apenas isso.

Essas são algumas características presentes na obra desse grande pensador, pouco valorizado no meio acadêmico, mas com grande contribuição nessa nova perspectiva que se tem buscado para a formulação de novos meios de conhecimento.

É, portanto, sob a influência de Fichte (1987), que organizei esse capítulo no sentido de deixar que algumas das pessoas que contribuíram para a construção desse material não usassem a linguagem acadêmica e nem a forma como traduzi a realidade cosmológica

presente nesses espaços chamados de terreiros, mas falassem por si só, do seu espaço, mostrando os seus sentimentos, desejos e decepções.

Acredito, dessa forma, que o leitor, depois de conhecido a história que construí acerca dessas expressões em Dourados chegue às suas próprias conclusões ao ler essa etnopoésia, porque o conhecimento que se apresenta ali, é muito mais significativo e profundo, do que as análises que apresentei.

A diferença consiste em que estou limitado pelas regras da linguagem formal, pelas regras de formulação do pensamento que se liga a esse ou aquele referencial teórico. Esses entrevistados, atores, personagens de sua própria história, falam por si, livres, sem limite algum para expressar as suas escolhas e fazer as censuras de sua própria história, sem precisar explicar o porquê.

Na entrada que escrevi ao abrir o primeiro capítulo desse trabalho, disse que a religião é um processo de busca interior e individual por um sagrado que se move nas esferas de imortalidade e eternidade, no sentido de alcançar uma interação maior com o cosmos, e que, portanto, a religião além de dar o parâmetro da morte, consola acerca das atribuições cotidianas.

Desse modo espero que a contribuição da organização desse capítulo, seja observada como o produto final dado a posição em que ocupa neste trabalho – do quarto capítulo – onde todo o conhecimento que pretendi construir seja possível encontrá-lo diluído nessa forma de expressão simples e humilde, em que não há tradução desse mundo, permanecendo este, construído, ressignificado, reelaborado aos olhos de seus próprios partícipes, co-autores, autores, atores, protagonistas e figurantes, desse teatro social imposto e aceito, burlado e carnalizado.

Dedico esse capítulo a Hubert Fichte.

Tudo o que eu queria te
Dizer é que...

Os Atores

Débora conta:

Sou de Iemanjá-Ogunté!

Nasci em Dourados em 17 de setembro de 1978.

Meus pais São A e I.

Estudei até a sexta série.

Sou faxineira!

Frequento o terreiro desde os oito anos.

Frequentei Umbanda.

hoje estou no Candomblé.

De santo, tenho onze anos.

O primeiro terreiro que frequentei foi “Mãe Gasparina”, ficava no Jardim Santa Brígida.

Conhecia vários terreiros: Tião, Seu Paulino, Dona Eva...

Conhecia esses terreiros nessa época, de 86, 87 e 88.

Existiam uns dez ou quinze terreiros.

Não me lembro o nome de todos os chefes dos terreiros.

A minha ida ao terreiro já veio de família,

da parte da minha mãe, a irmã dela era espírita,

daí já veio.

Eu comecei a incorporar na Umbanda.

Foi uma coisa de repente.

Passei mal.

Fui...

Incorporei!

Até que o primeiro espírito que veio em mim,

que é entidade, chama “Rosa Caveira” - uma Pomba Gira.

Depois,

veio o Boiadeiro - “Pedro Légua”.

O meu Exú é o “Exú Veludo”.
Não tinha Baiano.
Não tinha Preto Velho.
Caboclo tinha só quando era na Umbanda.
Chamava Guiné.
Depois,
que “raspei o santo”,
já não veio mais.
Eu não ia só na Mãe Gasparina.
Ia na Dona Nice!
Nesses terreiros tinha gira de Baiano!
Em alguns dias.
Eram muito freqüentados.
Os Baianos mais famosos era o “Zé Baiano”, “Mané Baiano”, “Antônio Baiano”.
Na Umbanda sofri discriminação!
A Umbanda não aceita homossexual²⁹.
Em mim abaixava a Pomba Gira,
e não aceitam isso.
Então como a gente ia fazer?
Se já tinha a Pomba Gira?
Ela tinha que baixar,
fazer o quê?
Nessa época eu já era homossexual.
Eu era,
sem ser travesti,
eu era gay.
Aos dezesseis anos me tornei travesti.
Passei a me vestir de mulher.
Sempre fui faxineira!
Me sinto mulher!
Já sou mulher!
Se já optei por isso,
sou mulher!

²⁹Segundo o entrevistado, ao falar que a Umbanda não aceita homossexual, ele refere-se diretamente ao fato de que nos rituais umbandistas, não é permitido pelos chefes de terreiros que entidades femininas incorporem em pessoas do sexo masculino.

*Tinha dia que sentia discriminada na Umbanda.
Por causa da religião, nunca senti discriminação.
Nem quando fazia despacho.
Parei no Candomblé...
quando eu conheci.
Para mim Candomblé era coisa do diabo.
Porque na Umbanda tem esse negócio...
Daí eu conheci um amigo meu,
ele era do Candomblé.
Frequentei.
Gostei!
Raspei com ele!
Ele era Adão.
Adão do Oxóssi.
Não tem mais terreiro aqui em Dourados.
Ele foi embora.
Raspei com ele.
Depois de algum tempo sai do Axé dele.
Tô num outro Axé.
Chama Axé de Frank Logun-Edé.
Eu estou com ele.
Ele mora em Campo Grande.
Aqui em Dourados eu frequento a “casa” do Tutti.
É o Ilê de Togoginã.
Nunca sofri perseguição,
depois que entrei no Candomblé.
O nosso culto é livre pra todos – aceita tudo.
Entendeu!
Aceita o gay, o travesti...
a mulher lésbica,
o ladrão,
nós aceitamos tudo assim.
Não tem aquele preconceito,
enquanto a Igreja Católica, os crentes.
O ritual do Candomblé?*

É tipo um folclore.
É uma dança,
dentro do salão.
Temos nossas rezas,
dentro do “roncó”.
É onde não de conta!
É um sigilo dentro de “roncó”.
Um segredo.
Só acontece quando se está lá dentro mesmo.
É um segredo,
da nossa religião.
Só entrando nele pra saber.
Eu não descobri que tinha que raspar o santo.
Eu quis raspar o santo.
Foi em 1994.
eu não me dei bem com o “Pai-de-Santo”.
Daí, eu conheci outro.
Raspei com outro.
Fiz outro Axé.
É o Frank de Logun-Edé.
Foi a Segunda vez que raspei.
Tô no Axé dele.
É Ketu.
É do Axé Gantois³⁰.
Eu sou filho de Iemanjá-Ogunté.
A minha vida é a mesma.
Antes ou depois do candomblé.
Se eu não trabalhar...
não lutar por mim...
Mas Iemanjá me dá saúde.
Me dá tranqüilidade.
Me deixa em paz.
Não há outra entidade além dos orixás no Candomblé.
Não existe Catiço no Ketu.

³⁰Refere-se ao famoso terreiro de Mãe Menininha do Gantois, localizado em Salvador – BA.

Já Angola tem!

Já cultua...

Caboclo, Baiano, Preto-Velho.

Que já aí, eu já num entendo muito bem.

Isso eu não posso falar,

que eu já num entendo.

Mas aqui no Tutti tem.

Eu não incorporo eles.

Eu tenho o meu espírito Chamado Rosa Caveira.

Que é minha Pomba Gira.

Porque o Ketu cultua só Pomba Gira e Caboclo.

Eu sou amigo do Tutti.

Eu ajudo,

participo.

Sou a única pessoa de Ketu que participa do Roncó dele – de um Axé diferente.

Sou o tipo de um pai pra eles.

Um pai da casa que ajuda os filhos, que recolhe,

faz ebó, cozinha – igual um pai.

Sou um pai!

Sou mais velho que eles, os da casa.

Beijam minha mão e ajoelham perante mim.

Um pede benção pro outro.

O mais novo pede benção para o mais velho.

No Tutti, quando eu estrou trabalhando aqui,

eu peço a benção pra ele.

O Tutti é mais velho que eu.

Aí, leva isso pra frente.

Do mais novo pedir a benção ao mais velho.

O iniciante que é o “Biá iaô”.

A minha vida do dia-a-dia?

Trabalho.

Estou com dois anos que voltei a trabalhar novamente.

E...

Ante eu já trabalhei.

Daí, eu peguei e saí.

*Fui embora de Dourados.
Fui pra vários lugares.
São Paulo, Rondonópolis, Paraná.
Cuiabá.
Eu troquei de religião.
Fui batalhar.
Fui pra rua.
Fazer rua à noite!
Avenida.
Entendeu?
Prostituir.
Ainda me prostituo.
Não! Ah!...
A rua?
Não vou dizer bem a rua.
Tem vários tipos de perigo.
As vezes você pode sair pra rua, e você pode não voltar mais.
Pode levar um tiro.
Pode levar uma facada.
Pode ficar paralisado.
Você não sabe o seu dia-a-dia.
Entrar em confusão.
Brigas!
Mas a rua é um pouco boa.
Ela é boa.
É...
As minhas amizades na rua à noite me levaram pra lá.
Por que se for pra mim ficar em casa assistindo televisão,
já,
já não acostumo mais.
Eu já acostumei ir pra rua.
Fico até onze, meia noite, uma hora da manhã na rua.
De vez em quando,
é,
dou uma andada por aí.*

*Eu também sou dependente de droga.
Aí,
já tive vários clientes.
Hoje tenho alguns.
Só.
Eu já aprontei com eles também.
O meu orixá não aceita.
Isso interfere na minha vida religiosa.
Eu afronto ele,
eu apoio ele,
de vez em quando.
Mas,
eu quero ser mais que ele.
Eu sei que ele é maior que eu!
Mas,
eu vou pra rua porque eu gosto.
Mas se fosse por ele eu não estaria na rua.
Ele me dá bloqueio.
É.
Se eu quero fazer alguma coisa,
não dá certo o que eu quero fazer.
Aí, é ele que está atrapalhando por causa disso.
Sou portadora do vírus HIV.
Faz onze anos que sou portadora do HIV.
Ai...
não posso dizer quem é a pessoa.
Não tenho certeza se é ela o não.
Nunca precisei tomar coquetel.
Nunca fiquei doente.
Minha carga viral tá alta ainda.
É.
Agora não precisei ainda.
Olha!
Dou graças a Deus a Iemanjá.
Eu acho que é ela que me dá vida.*

*Tenho certeza que ela me dá vida.
Agora, nessa parte eu me agarro a ela.
Senão...
Eu tava já...
Sei lá...
Morto, alguma coisa.
Por que quando eu descobri,
eu bebi,
foi a única coisa que fiz.
Eu rolei um baseado de maconha e,
fui me jogar na frente de um carro.
O carro brecou em cima.
Até hoje...
Aí tô aqui.
Eu já era da religião.
Tava passando da Umbanda pra o Candomblé.
A Umbanda ela é boa.
Só que fica no mundo deles mesmo.
Eles não querem evoluir.
O negócio deles é o Caboclo, Baiano e Exú.
Eles não aprendem.
Por que tem muita coisa pra gente aprender.
Sobre a reza.
Sobre o Orixá.
Um espírito.
Tem vários tipos.
Tem várias coisas pra gente aprender.
Eles não!
Só ficam ali,
eles não saem daquilo ali.
Se a gente cai dum lado – tá errado!
Se cai do outro – tá errado!
A gente tem que seguir aquilo dali só.
Não tem uma opinião pra gente dá.
Já no Candomblé a gente dá uma opinião de um...*

*fala com outro,
pode explicar de um Orixá.
A gente aprende saber como faz aquele Orixá.
O que é errado fazer.
É isso aí!
De vez em quando me dá vontade de voltar a estudar.
Mas acho que não tenho cabeça mais não.
Tenho preguiça.
Não tenho paciência.
Assim,
acho que com o professor.
Que eu já tive uma professora.
Já.
De ciências.
Tanto é que eu já fui expulso da escola.
Eu não voltei mais.
Não é o meu aspecto físico só.
Nada.
Há pessoas que são gays, lésbicas e vão do jeito que são.
Tem nada a ver.
Me visto como mulher quando saio a noite na rua.
Me visto assim, mais...
mais uma senhora, tipo...
uma meia senhora.
Me maqueio.
Me pareço mais com senhora.
Minha maquiagem é meio pesada.
Aí vou pra rua.
Não gosto de roupa comprida.
Só gosto de roupa curta.
Peito pra fora.
Quem tu vê,
que tiver peito pra fora,
sou eu!
É isso aí.*

*Eu coloquei silicone em 99.
Tenho um litro de cada lado do peito.
É silicone injetado.
Agora eu tô com vinte e seis anos.
Daqui quatro anos colocarei na bunda.
Vou fazer bunda.
O rosto e a perna.
Tenho muitas amigas que fazem.
É entre nós que fazemos.
Quando o silicone está velho já,
como o meu quem tem uns quatro anos já,
99, não!
Tem mais!
Dói pra entrar [pra aplicar].
Horrível de dor.
Mas tem muitas vezes,
pessoas que colocam anestesia né.
Parece que não dói muito.
É horrível só a agulha que mexe por dentro.
Não coloco sempre.
Isso aí é assim...
você vai ficando de idade,
vai caindo.
Você vai retocando.
Isso após um ano.
Minha entidade preferida em Orixá e espírito?
De Orixá é minha mãe Iemanjá-Ogunté.
Em espírito a Rosa Caveira.
Tem o seu Tranca Rua do Embaré e...
Maria Padilha.
Eu gosto de Baiano.
Gosto do seu Zé do Coco.
E também do Mané Baiano.
Quando entrei pra Umbanda e para o Candomblé,
já tinha gira de Baiano.*

Sempre teve.
Na Umbanda sempre teve.
Sempre cultuaram.
No Candomblé Angola tem.
Só no Ketu que não.
O povo crê mais em Baiano.
Eu não digo que mais.
Eles tem mais liberdade de conversar com o Baiano.
Se você conversar com o Caboclo...
o Caboclo é “chucro”.
O Caboclo já não é de muita conversa.
Eles preferem mais Baianos.
Exú também.
O Baiano conversa com eles,
dá um conselho,
é bom no feitiço.
As pessoas gostam do feitiço.
É isso.
Eu não sei quando eles apareceram aqui em Dourados.
Eu não posso falar,
quando eu nasci,
já existia.
Sempre teve.
Desde quando minha tia...
quando eu conheci essa minha tia, que ela era espírita,
já existia pra ela.
É...
a minha tia é Maria,
Maria Florença.
Ela era de Birigüi – São Paulo.
No interior de São Paulo tem.
Na capital mesmo, dizem,
é muito difícil ter Baiano.
Freqüentei terreiro em Ribeirão Preto.
Aonde eu fui... não tem Baiano.

É só Orixá!

Não conheço gira de Baiano em São Paulo.

Minha tia era “espírita de terreiro”.

Ela desenvolveu na beira de uma praia.

Não sei se foi em Santos ou Guarulhos.

Ela estava muito doente e foi se benzer.

Daí, uma entidade pegou ela.

Não sei que é essa entidade.

Daí, coitada!

Ela tinha que trabalhar.

Aí foi indo...

Festa de Orixá?

*Quando a gente vai fazer uma homenagem à Orixá,
ela,*

a gente louva Orixá.

A gente canta.

Dança.

Veste.

De repente como vestir um Ogum!

Veste aquele Ogum.

Dança com aquele Ogum.

Tem os ogãs.

Toca os atabaques.

São os mestres também da casa, da sala.

Se não tiver ogã,

não dá pra tocar um Candomblé.

Tem que saber tocar um Candomblé.

Tocar pra um Orixá.

Agradar o Orixá.

Se a gente tá louvando o Orixá,

fazendo uma festa a ele,

ele não pode ficar triste com a gente.

A gente tem que deixar ele alegre.

A vontade.

Pra ele trazer uma paz pra gente!

Um Axé!
Deixar ele muito alegre.
Ele.
A vida da Débora?
Depende.
Se a Débora tá bêbada,
se ela tá sã.
Bêbada ela é o “ó”.
É um travesti nojento.
Arruma briga com todos.
Confusão.
E ela sã,
você faz tudo o que quiser com ela.
É uma criança.
Tipo uma criança.
Ela se magoa.
Não quer conversa com ninguém.
Ela fica no canto dela.
E,
que ela cisma que não quer trabalhar,
ela não sai pra trabalhar.
Ela engana o patrão.
Que tá doente.
Foi em 99.
a Droga entrou na minha vida.
Fui experimentando.
Com uns outros amigos.
Um dia dá um pega.
Aí, foi indo.
Só que,
não é assim... viciada.
Todo dia, pra fumar,
todo dia.
Cheirar... não cheira!
Só não pode faltar pra ela o conhaque.

*Que ela gosta de beber.
Consumo pasta base,
é o que mais gosto.
Pó – não sou chegada em pó.
Nem maconha.
Cola também não.
Tiner também não.
Só pasta base mesmo.
O relacionamento com a família?
É ótimo.
Só não conto que uso drogas.
A família sabe que bebo.
Sabe que sou travesti,
que batalho.
Que vou pra rua.
É um livro aberto.
Menos sobre a droga.
Não tenho mais minha mãe.
Tenho só meu pai.
E cinco irmãos.
Faz sete anos que ela morreu.
Dia 27.
Ela já sabia que eu era...
Nunca tive problemas com a família.
Só o meu pai que queria me matar.
Porque ele não aceita um filho viado.
Gay!
Pra ele é um...
ele preferia assim, ter um filho...
como ele falou...
preferia ter um filho ladrão do que viado.
Só que hoje ele já aceita.
Mantenho um bom relacionamento com meu pai.
Meus irmãos são ótimos.
São mais velhos.*

*Eu sou mais novo.
São todos casados.
Tenho uma irmã solteira.
Tenho um irmão crente.
Uma outra irmã que era espírita.
Já está afastada.
Tenho uma irmã que de vez em quando frequenta.
Assim, ela vem nas festas.
Outro irmão também.
Assim,
ele não tem religião.
Meu relacionamento com o meu patrão, minha patroa?
É bom.
Ela reclama que de vez em quando eu vou pra rua.
Vou batalhar.
Diz que eu não preciso disso.
Porque eu vou pra rua.
Porque eu bebo.
Ela se preocupa comigo.
Sobre o...
ela sabe que eu sou portadora do vírus HIV.
Fico à vontade na casa deles.
Eles tem muita confiança na gente.
Eu faço o que eu quero.
Eu durmo.
Quando eu não quero trabalhar lá,
eu durmo.
Sou livre naquela casa.
Quando eu ando na rua?
De vez em quando levo um “xouzinho” básico.
Eles mexem.
Falam - “ olha o travesti “.
“Olha o viado”.
Mas,
eu sou muito bom.*

*Sou recebido bem.
Mais é a molecada, que “enche o saco”.
Lá na rua, eu vou encontrar gente em qualquer lugar que eu quero.
Bem à vontade mesmo.
As pessoas dão uma olhadinha.
Não sabem se é travesti,
se é mulher.
Se é um “sapatão”.
Eles ficam confundido tem hora.
Tem pessoas que me chamam de senhora.
Perguntam se tenho filhos.
Eu tenho que falar que não sou mulher.
Sou travesti.
Já tive namorado.
Não quero mais.
É muita dor de cabeça.
Por que se eu for ter namorado,
eu gosto de sair,
se de repente for pra sair,
a gente não quiser levar ele...
fica preso.
Fica preso demais.
A gente fica,
à vontade pra sair.
De repente ele quer ir pra uma festa,
eu não quero ir?!
Ou eu arrumo um que é contra a minha religião?
Eu já não vou aceitar.
Não troco minha religião por nada.
Por isso eu não quero namorar.
Não faço sexo só com meus clientes.
Eu saio com outros...
com meninos.
Prefiro adolescentes.
Até vinte e seis anos.*

*No mínimo quinze anos.
Pra ajuntar entre eles [os terreiros],
só teve uma festa.
Mas foi pra Ogum em 94 ou 95.
Que fizeram os terreiros de Umbanda e alguns de Candomblé participaram.
Foi que fizeram homenagem à Ogum.
Que eles consideram como São Jorge.
Eles fizeram!
Mas,
não tem mais.
Foi uma festa pública.
Foi aqui no ginásio do Água Boa.
Foi ali!
Se juntaram tudo ali.
Foi muita gente.
Pra ver como era.
Se reuniram todo mundo ali.
Depois disso aí,
num teve mais.
Eles vestiram um Ogum e uma Iansã.
Cada dia no encerramento da festa.
Cada barraca,
que teve umas barracas lá,
de comidas típicas.
Representando ali.
Fez uma sessão cantando,
sem baixar espírito.
Cada um fez sua homenagem ali.
No final da festa.
Fora isso,
mais nada.
Brigas?
Existem muitas.
Há muita conversa.
Na religião tem muita conversa.*

*Intriga,
fofoca.
Um leva e trás!
Isso no Brasil inteiro tem.
Eu já tive problemas com terreiro aqui.
Por que tem coisa que eu não aceito.
E tem coisa que eles não aceitam.
Eu não aceito.
Pessoas que estão desenvolvendo agora como um...
de repente entra uma pessoa na roda,
gira ali,
de repente encosta uma entidade.
Já vai lá,
dá um copo de bebida,
cigarro.
Eu não aceito isso.
Quando eu entrei lá...
o pai de...
os chefes de terreiro achou ruim.
Por que eles são donos do terreiro.
Eles fazem o que querem.
Tem muita criança em roda,
molecada.
É...
tem barracão,
não todos.
Tem barracão que enche de...
bandido.
Malandro.
Vai que surge alguma briga lá dentro.
Ao mesmo tempo que tá tocando atabaque.
Tá fumando,
cheirando lá fora.
É isso que eu não concordo.
Por que a minha vida particular,*

lá,
de quando eu batalho,
eu não trago pra cá.
Pra dentro.
Aqui dentro.
Eu já sou outra pessoa.
A Débora é lá fora na rua.
Com os outros.
Mas dentro do barracão.
Eu sou...
De Iemanjá-Ogunté.
Eu separo a minha vida...
eu não vou aceitar.
Um travesti de peito pra fora,
saia curta,
querer entrar na roda.
Eu não aceito isso.
Eu saia da escola.
Não tinha nada que fazer.
Eu já tinha amizade com outros travestis mais velhos.
Foi,
eu acostumei.
Acostumei na rua.
Ai,
eu peguei gosto.
Eu achava que ia ganhar muito dinheiro.
Mas vi que não é uma coisa pra gente ganhar dinheiro.
Ganhar a gente ganha.
Mas eu achava que ganhava milhões.
Mas não é isso.
Ganha pouco.
O travesti.
A puta,
que batalha na rua.
Eles não ganham muito.

*Ganha o que dá pra sustentar ele.
Por que tem travesti que não trabalha.
Tem puta que não trabalha.
Dá pra sustentar ele.
Do dia-a-dia.
Tem umas que o que faz na noite,
é pra comer no outro dia.
É pouco!
E tem os travesti,
eu acho errado,
que usa a rua pra fazer programa,
mas pra droga já.
Acaba de sair de um carro – droga!
Isso eu acho errado.
Puta também.
Tem vez que eu saio na rua e não rola ninguém.
Aí eu fico lá sentado.
Conversando.
Vou embora pra casa!
Quando tô afim de sair,
eu saio.
Uma, duas, três vezes.
Tem um limite.
Tem cliente que a gente não sai.
A gente não aceita.
O cliente pra mim?
Tem que ser uma pessoa sincera.
Combinar com você.
Tem de todo tipo.
No terreiro vem sempre gente humilde.
Pessoas de classe média.
Tem uns de classe alta que também frequenta.
Mas é muito difícil.
Eles já são mais reservados.
Eles já não querem demonstrar que frequentam.*

*Mais são os humildes mesmos.
O ritual ?
Muita coisa, a cada dia,
muda alguma coisa.
Sempre tá mudando.
No Candomblé sempre tá mudando.
A Umbanda eu não posso explicar.
Eu não frequento Umbanda.
Candomblé a gente muda.
Cada dia se aprende alguma coisa mais diferente.
Com se faz a...
por que cada casa toca um ritmo diferente.
Na casa do meu Axé é um outro ritmo.
O meu Pai-de-santo ele sempre procura aprender mais.
Cada dia da gente nunca se sabe nada.
Cada dia que passa ele aprende.
Pra ensinar a gente também.
Olha,
que eu sei,
antigamente era mais reservado.
Num tinha aquela liberdade.
Hoje é tudo livre.
Tem terreiro aí de fundo de quintal,
como o pessoal fala né,
tem pessoas que desenvolve hoje,
amanhã estão com uma casa aberta.
É assim!
Na cidade nunca teve discriminação.
Perseguição?
Já.
Já teve muito.
Mas hoje não tem mais não.
Eu nunca sofri perseguição.
Já tive conhecidos que foram perseguidos.
Mas eu não posso citar o nome.*

*É um rapaz de Umbanda.
“Zé Luís” [pseudônimo].
Mas ele tava errado mesmo.
Por que,
como que vai despachar uma coisa no cemitério,
como que vai quebrar a “catatumba”?
Eu acho que tá tudo errado isso aí.
Então o pessoal viu que era ele ali,
chamaram a polícia.
Mas não...
não é que quebrou,
é uma “catatumba” de terra.
Ele abriu.
A gente tem...
tem isso que a gente faz.
Mas as outras pessoas viram.
Acharam que arrancava alguma coisa ali.
A polícia veio.
Ele disse que tava fazendo despacho.
Mas é errado ele fazer durante o dia.
Tem a noite pra gente fazer.
Ele e o policial conversaram.
Ele explicou tudo.
Não chegou a ir em delegacia, não.
Não aconteceu nada.
Isso tá com uns três anos atrás.
Eu não conheço nenhum outro caso.
A religião?
Ela aumentou muito.
O Candomblé aumentou muito.
Como Angola, Ketu, Gêge.
Aumentaram muito.
Não sei aqui em Dourados.
Mas no Brasil aumentou muito.
Tem muitos terreiros.*

Tem casa muito velha.

Com o “apófonjá” que tem 480 anos.

O Gantois que tem 360.

O “Pai-de-terça” (?) que tá eu acho que com oitenta anos de casa.

Tem muita casa velha.

Alguns chefes raspavam em Rondonópolis.

Alguns em Campo Grande.

Já veio Pai-de-Santo de São Paulo.

O que veio de São Paulo prá cá,

foi um Pai-de-santo de Xangô.

E de Campo Grande tem vários.

É o seu Valdomiro.

Ele é do Gantois.

Ele é Axé Gantois.

Da Mãe Menininha.

Fica em São Paulo mesmo.

O do meu Axé?

Em Campo Grande.

Quando ele fez santo foi,

em São Luís do Maranhão.

Ele pegou o “Decá” em Campo Grande,

já com outro Pai-de-santo.

Hoje ele tá com outro Pai-de-santo.

Que é o Carlinho do Oxóssi.

Tem gira de Baiano em Campo Grande.

Mas eu nunca participei.

Mãe N narra:

Eu observei uma coisa estranha chegando no meu corpo, né...

O que é que está chegando no meu corpo?

É uma vibração, essa vibração pode ser um carma que eles falam,

Que pra nós é o espírito que vem.

Aí começa a tremer o meu corpo,

Depende da qualidade do espírito que vou receber,

Um vem pelo pé,

Outros entram por aqui [pela frente ou testa],

Outros pelas costas,

Começa a vibrar,

Vibrar,

Eu entro em transe, vou indo,

Vou sumindo, vou sumindo,

Aí quando eu tento voltar,

Eu não me encontro dentro de mim,

Aí, já é outra pessoa que tá!

Aí existe a transformação.

Por mais que eu queira voltar a ser N, eu não sou N.

Se é Jurema que vem é a Jurema que age.

Se é Baiano que vem, é o Baiano que age.

Se é Marinheiro, é o Marinheiro.

Se é um Preto-velho...

Seja o espírito que for,

Que ele dá o nome dele,

Se eu procuro eu dentro de mim,

Eu não acho.

Eu me transformo,

Tem-se aí a transformação.

Olha,

Dependendo do campo espiritual que eu to trabalhando,

Das pessoas que estão ao meu lado,

Tem coisa que não lembra nada,

*Tem coisa que fica na memória.
Porque,
Depois que tudo vai embora,
Que eu quero tentar,
Tentar ver o que aconteceu,
O que foi que aconteceu?
Tem coisa que eu não me recordo.
Tem coisa que fica na minha lembrança.
Se eu negar eu vou ser uma hipócrita, uma mentirosa.
E,
Seu eu negar a você que eu não visse nada,
Porque tem,
Eu não to morta,
Não to dormindo!
Existe médium que diz que:
“Eu não vi nada”.
É mentira!
Me admiro você,
Tive uma pessoa que é vidente,
Que ele enxerga o espírito,
Outras ouvem o espírito falando.
Essa comunicação é pela mente.
Porque que está dentro da cabeça da gente.
E outros recebe [sic] o espírito,
Entra no corpo e fala através da sua língua.
Então você se modifica,
Você...
Você é outra pessoa.
Por exemplo,
Quando eu to incorporada,
Eu não tenho parente.
Eu não conheço eles como neto,
Não conheço filha como filha,
Porque não são meus filhos,
Porque não é eu.*

Entendeu?
Pra mim eles são tudo,
Estranho!
Se falar pra mim “fulano morreu”,
Eu não sinto tristeza,
Porque eu,
Eu mesma,
Se chega pra mim:
“Fulano morreu”,
Se for gente minha,
Já caio aqui,
Ali,
Já choro!
Quando eu tô com espírito,
Eu não sei o que é tristeza.
Eu sei que meus guias não é parente [sic] deles.
Então eu não sinto nada.
Aí,
Quando vai embora,
Que fala que o fulano morreu,
Aí,
Eu entro em pânico.
Mas quando eles estão manifestado[sic]
Eu to sabendo do que tá acontecendo,
Só que não me ligo com essas coisas.
Eu desligo completamente da vida terrestre.
É como [se] eu não tivesse parente.
Como [se] não tivesse ninguém.
Pra mim todos são iguais.
Em igualdade.
Somos todos irmãos.
Eu não sofro pela morte.
Porque,
Porque eu já passei,
Porque o espírito que tá comigo,

*Já passou,
Pela fronteira da morte.
Pela fronteira de outras vidas,
Né?
Então eu não consigo ter nenhum sentimento nessa hora de tristeza,
Que a gente passa.
Então,
Porque?
Por que não sou eu!
E quando eu estou manifestada desse espírito,
Eu penso voltar,
Cadê N?
Quer dizer que um pouco volta e...
Cadê eu?
Eu não tô ali!
É outro que tá.
Eu não sou é pessoa.
Eu não falo essa língua.
Porque que eu tô falando essa língua?
Porque que eu tô me comportando desse jeito?
Se essa não é N?
Entendeu?
Daí a transformação.
Mas eu levei tempo pra entender.
Essa transformação em meu corpo.
O que significava?
Agora,
Vou te falar a verdade.
Tem muita gente que aproveita desse dom que tem,
Pra buscar espírito de fulano,
De cicrano e tal...
Sendo que é uma enorme de mentira.
A realidade tá naquilo que aconteceu no seu corpo.
Quantas vezes que tive a minha comadre,
Que veio de Rio Brilhante muito doente,*

*E eu fui me concentrar pra ela.
Eu não recebi influência nenhuma.
A não se uma coisa estranha.
Eu falei pra ela:
“Fica aqui no ponto”.
“Eu vou rezar pra você”.
“Se você tiver alguma coisa mal, vai passar em mim”.
Só que ela não tava com espírito.
Não tava com encosto.
Ela tava com problema material em mente.
Aí eu coloquei a cabeça perto do corpo dela,
E comecei a concentrar.
E aquilo foi passando.
E...
Eu me transformei num lobo,
Sabe,
Eu comecei a gritar como um lobo.
Eu vi que tava naquilo, mas era além de mim.
Aí que é que veio?
Era um pajé,
Que veio pra fazer a cura dela.
Aí quando o pajé virou,
Eu não me lembro!
O que ele ensinou?
O que ele fez?
Se ele fez pajelança nela?
E,
Depois que ele voltou,
Eu ainda consegui ouvir o último grito que ele deu – Auuuuuuuuu!
Eu falei: “é um lobo!” – criatura de Deus!
Então pra você vê né...
Porque com certeza esse espírito do pajé trabalhava com esse espírito de lobo.
Entendeu?
E eu recebi o espírito dele,
E me transformei num lobo.*

*E nunca tinha acontecido,
Em quarenta anos de mediunidade minha.
Igual aconteceu de agora eu receber espírito de bicho.
De alguma coisa que imitasse alguma coisa.
Mas eu uivava que nem lobo,
Como se vê nos filmes,
Que eu nunca vi um lobo de cara,
Assim né!
Agora você vê o que o espiritismo passa né!
Aí eu ainda tava vendo,
Eu tava em transe,
Mas tava vendo.
Que eu tava uivando como lobo.
Mas o que era aquilo?
Era espírito?
O que era aquilo?
Era um pajé?
E passou a mão nela,
Fez pajelança nela,
E saiu daqui andando.
Então é isso que aconteceu.
Essa é a verdadeira incorporação.
Agora,
Eu vou te falar...
Existe [sic] vários tipos de manifestações do guia.
Por exemplo,
Tem pessoas que recebe,
Que ele fica consciente de tudo,
Por que existe assim,
Como um pai-de-santo fez comigo
Mostrando a manifestação do espírito em cada um.
Cada um de nós tem uma mente.
Nascemos sob um planeta,
Nascemos sob a luz de uma estrela.
Ou nascemos de manhã,*

Ou à noite.
Nascemos sob um oráculo.
Esse é um lado que fala nossa aura espiritual,
Vem com força,
Ou vem sem força.
Depende muito daqueles que te guia.
Pra você ter essa oportunidade de vê,
Incorporado totalmente,
Que o espírito ele vem,
Às vezes você está almoçando ou jantando,
Muitas vezes tá rodeado de espírito ali,
Emanando a luz pra você,
Ele emana uma luz forte,
Maravilhosa,
Que é a luz amarela.
Então quando você é médium de incorporação,
Você sente a presença de alguém que tá ficando perto de você.
Que muitas vezes aquele espírito também sente fome.
Vê você comendo coisa boa,
Que ele comia no passado e,
Num tá comendo,
E você sente que quer alguma coisa
E você,
Come com muita ganância aquilo,
Com muito gosto,
Porque você não está comendo sozinho.
É bom!
Pra onde vai tudo isso?
Você não come só!
E aí quando você vai entrar numa gira,
Que você vai...
Que o espírito vai chegar,
Que você está começando o desenvolvimento espiritual seu,
Você se debate muito...
Você debate, né!

Porquê?

Porque sua mente não tá preparada pra você focalizar o espírito.

O que acontece?

Você se debate,

Debate,

E você tem que ter o domínio próprio da sua mente.

Você tem que dominar.

Aquele impasse que faz você debater,

Mais você consegue dominar.

Por exemplo:

Se eu quero que o espírito vem cantando,

Ele vem cantando.

Se eu quero que ele vem quieto,

Ele vem quieto.

Porque a força da minha mente faz com que ele me ajude.

Porque a força depende do cavalo,

E do cavaleiro.

Agora,

Se,

Por exemplo,

Você já é um médium e já recebe o espírito,

Ele vem totalmente à hora da luz,

Vem e cobre sua cabeça.

Ele muda você na hora,

No espírito ele sempre fica em cima da sua cabeça.

Ele fica assim,

Atrás de você,

Mandando a luz pra você,

As energias.

Quando você vai dar um passe,

O Caboclo que tá ali atrás de você,

Ou seja,

O espírito que for,

A luz vem pela sua mente,

Atravessa a sua aura espiritual,

*Vem pelo seu corpo
E pelo coração,
E sai pelas pontas dos dedos,
Pra gente dar o passe pra ele.
Entendeu?
Então você manda nos espíritos que estão atrás de você.
E quando você tá totalmente incorporado,
Tá dominado pelo espírito,
Aí você age de maneira diferente.
Você se debate mais,
Você tem incorporação perfeita.
Você já está preparado para dar o passe.
Porque antes de você está debatendo,
Você não está totalmente preparado,
Você não tem o controle da sua mente.
Como é difícil!
Não é tão simples!
Porque o controle da sua mente é muito importante para a alimentação espiritual.
Tendo o controle da sua mente,
Você se dedica no que vai fazer de corpo e alma.
Naquele exato momento que você vai fazer a concentração,
Você tem que esquecer,
Esquecer,
Quem ficou pra trás.
Quem tá doente.
Quem tá sofrendo,
Esquecer,
De você mesmo.
E viver,
Aquele momento só pra Deus.
Aí você fala:
“Meu Pai, sou predestinado! Ao cumprir essa missão quero que vós me dê a sua luz,
a sua força”.
“Orienta o anjo da guarda pra dar passagem o espírito de luz que vem até mim”.
Daí o que você vai fazer?*

*Você vai entregar a sua mente,
O seu coração,
O seu corpo,
Para que receba,
A manifestação.
Aí você vai se manifestando,
O espírito vai chegando,
Aí conforme você vai buscando,
Na sua mente,
Ele vem chegando em você.
E,
Se você não se concentra?
Ele não vem!
A concentração,
É aquela força que totalmente vai buscar.
Por exemplo:
Eu to aqui conversando com você
E,
Não vem espírito.
Agora se eu tivesse só,
Ai eu conto né!
Canto pro espírito vir.
Fecho meus olhos,
E,
Penso naquele espírito que eu to atraindo ele pra mim.
Então você atrai o espírito pra você.
Tem tanta preparação em você,
Em seu trabalho,
Com o Caboclo,
Como Preto-velho,
Com o Baiano,
Com respectiva criança,
Ou um Marinheiro.
Tem vezes que o meu Marinheiro não dá passagem.
Tem muita gente para eu atender,*

*Aí eu deixo de atender e dou passagem pro outro.
Porque a missão é dele também.
Aí vai do salário dele,
O Marinheiro vem só pra entrar no ambiente,
Só pra trazer alegria.
Aí vai embora.
Ele que leva a carga para o fundo do mar.
O Caboclo e o Baiano,
Ele vem,
O Baiano vem pra desmanchar a feitiçaria,
A macumba.
O Caboclo é pra cura.
Existe o caboclo feiticeiro.
Ele ensina a se defender das bruxarias da vida.
Então existe toda essa entidade.
Por exemplo:
Eu tenho uma legião de entidades que trabalha comigo,
Então eu trabalho com o Caboclo e Jurema (ela é da cura).
Trabalho com o guerreiro Sete Flechas quando é pra fechá o demônio.
Aí a Jurema não vem,
Ela deixa ele vim,
Porque a Jurema tem muita luz,
Ela não vem pra criticar ninguém,
Nem pra falar mal de ninguém.
Já o Caboclo cruzado,
Ele vem,
Ele não tem a luz que a Jurema tem ainda,
Tem trabalhado pouco ainda.
Eu sinto raiva quando ele chega em mim.
O espírito dele é de raiva,
É de força,
Porque eu to com ódio de alguma coisa.
Então eu começo a passar pra ele o que eu to sentindo.
Ele é direto,
Ele fala,*

*Ele não é hipócrita.
Os Baianos,
Vem pra alegrar,
Pra dançar,
Gosta de trabalhar,
Quebrar coco,
Comer coco né!
Então o quê que a Jurema fazia?
Mandava fazer uma fogueira lá fora,
E quando tava todo mundo incorporado,
Ela falava pro meu marido,
Que já morreu,
Vai atrás de uma bacia de brasa,
Aí ele enchia o terreiro de brasa e ali cantava:
“Pisa ouro seu Caboclo,
Pisa ouro debaixo do seu pé,
Mostre que Caboclo que tu é”.
Olha,
Eu acho que eu vim predestinada,
Por Deus.
Porque na barriga da minha mãe,
Eu já queria fumar charuto.
Logo quando minha mãe tava grávida de mim,
Porque eu nasci em Vista Alegre.
Aí,
Quando eu nasci,
Eu nasci de manhã,
Meu pai foi buscar a parteira!
Meu pai saiu
E,
Eu nasci!
Nasci sozinha!
“Eu sou sozinha no mundo!”
Eu falo pro Boiadeiro,
Não tenho pai,*

*E não tenho mãe.
Ninguém se doa por mim.
Minha mãe é Nossa Senhora,
E meu pai,
É meu Senhor do Bonfim.
Então,
Sabe de uma coisa,
Eu nasci sozinha!
Sem parteira.
Quando a parteira chegou,
Eu já tinha nascido.
Eu nasci já com roxo nos meus olhos.
Eu nasci estrábica.
Era em forma de um círculo,
Igual a um arco-íris,
No meu olho.
Com oito anos de idade eu fiquei muito doente.
Aí, me tratava com um bruxo aqui,
Outro bruxo ali,
Aí falaram o que eu tinha.
Daí pedi pro meu pai me colocar debaixo do pé da árvore,
Que eu queria morrer ali.
Ai meu pai me levou ali.
De repente,
Meu pai,
Minha mãe,
Tava tudo rezando em minha volta.
Eram Católicos.
Católicos mesmos!
Ai rezando em minha volta,
Eu senti vontade de que me colocasse no chão!
Mandei colocar água.
Ai encheram de água onde eu tava e,
Comecei a virar e cantar.
Eu recebi a primeira entidade com oito anos de idade.*

Eu recebi a sereia.

E a sereia ficou quatro dias em mim,

Cantando:

“Eu sou a sereia que veio do fundo do mar,

Oh! Iemanjá, Oh! Iemanjá, não deixa a sereia chorar e nem parar de cantar.”

Aí você sabe de uma coisa,

Que minha irmã me disse assim:

“A sereia tá no mar”.

Aí outro virava e falava:

“Não, ela virou bruxa!”.

E mandava eu levantar do chão.

Mas eu não tinha condições de levantar do chão.

Porque da cintura pra baixo eu não mexia o corpo.

Porque se transformou como sereia e peixe né!

Só mexia os braços pra cima.

E cantava.

Não tinha sede.

Não tinha fome.

Só que eu via e percebia,

O que eu fazia.

Não me esqueço.

O que aconteceu comigo.

Aí, depois de quatro dias que eu fiquei ali,

Rezando,

Em minha volta.

Aí a voz do meu ouvido,

Falou assim pra mim:

“Eu sou a sereia encantada do Reino da Pedra que Brilha,

e vim,

pra te salvar,

mas quem vai tomar conta de você é,

a Cabocla Jurema,

e você vai ter o dom de curar os outros”.

“Você vai fazer muitas caridades nesse mundo”.

“Eu serei a sua mãe,

*Serei sua protetora.
Estou indo embora!”
Ai eu comecei a gritar.
Cantei!
Gritar,
Gritar,
Até que aquele espírito saiu de mim.
Eu não tinha mais nenhuma dor no corpo.
Levantei,
Fiquei de pé.
Todo mundo admirado.
Aí, o quê que deu?
Eu virei bruxa!
Que eu me encantei com isso que aconteceu comigo né!
A gente tinha fazenda aqui na frente do Humberto Teixeira.
Desde o marco de cimento³¹ até a colônia era tudo do meu avô e do meu pai.
Eu me criei ali.
Eu não conhecia rio grande,
Não conhecia mar,
Não tinha televisão,
Não tinha rádio,
Não tinha nada.
A gente via tudo com lamparina.
Não tinha nada que iluminava a cerca.
A não ser quando enrolava um pano com azeite pra acender,
Ou então,
Uma fogueira,
Que a gente fazia de noite pra gente se iluminar.
Dourados?
Uma vila pequena.
Como se fosse assim,
Umas duzentas,
Trezentas casas.*

³¹ Refere-se ao monumento da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, cujo símbolo são mãos levantadas para cima, construídas no governo do prefeito de Dourados – Brás Melo, apelidado pela população da cidade de “Mão do Brás”.

*Foi meu pai que começou a serrar madeira,
Pra construir a primeira casa de Dourados.
Meu pai tá com noventa anos.
Ele nasceu aqui.
Meu avô morreu aqui.
Ele veio com vinte e dois anos de Assunção.
Morreu com cento e seis anos.
Veio na Cia. Mate Laranjeira.
Quando ele veio,
Ele trabalhou nos ervais,
Veio do Paraguai.
Naturalizou no Paraguai pra casar com minha avó.
Era do Paraná.
Depois,
Foi convidado pra trabalhar no Brasil.
Pela Cia.
Ele era muito bem estudado.
Veio.
Pegava muito peão pra serrar madeira.
Serrava madeira,
Fazia tábuas.
Era só a Cia. que existia aqui.
Não existia casa.
Não existia povoamento.
Nem nada.
Começo cada um a fazer sua casa.
Era tipo uma colônia só.
A gente,
Então,
Não tinha nada disso.
De que existia espírito.
Kardecismo.
Candomblé.
Umbanda.
A gente não conhecia.*

*Pra cá não tinha nada disso.
Só os bruxos!
E o Curador!
Era o que conhecia,
O que curava,
Os que conheciam as ervas de cura.
Faziam aquelas rezas do catolicismo.
Pai Nosso.
Ave Maria.
Pegava as ervas,
Cozinhava,
Fazia as garrafadas,
Para as pessoas tomar.
Igreja tinha.
Só a Católica.
Nossa Senhora da Conceição!
Foi meu pai que ajudou a fazer a igreja.
Me criei dentro de uma igreja.
Mas,
Quando deu o espírito em mim...
Nem pastor que existia aqui,
Nem padre,
Pra tirar o espírito de mim.
Tinha uma Igreja Adventista.
A Presbiteriana.
Tinha três igrejas aqui.
Foi quando surgiu a imensidão de crente aqui.
Recebi a sereia.
Ela deixou a mensagem pra mim,
Foi embora.
A sereia conversava no meu ouvido.
Por isso falavam que eu era bruxa.
Aí eu sarei.
Todo mundo falava que eu virei bruxa.
Chegava gente em casa.*

*Meu pai me escondia.
Olhavam e viam que eu tava doente da perna.
Falavam:
“Toma tal remédio que sara”.
Buzinaram na minha cabeça,
Já que não deixavam eu receber,
Eu também não sabia,
Como chamar e receber.
Então,
Chegava uma pessoa e falava:
“Nossa! O que você tem?”
“Toma tal remédio que sara”.
Um contava pra um,
Que contava pro outro,
Já dava romaria.
“A filha de não sei quem, virou bruxa”.
“É curandeira!”.
“Ela ensina remédio, vamos lá!”.
Meu pai me escondia.
Botava eu pra trabalhar na roça.
Eu era muito bonita.
Meu pai não deixava eu falar com ninguém.
Quando chegava dia de trabalho,
Eu amanhecia milhões de correntes de espíritos aberta.
Na segunda,
Na sexta-feira,
Eu sentia que alguém chegava perto de mim.
Eu me recolhia.
Ficava quieta.
No meu quarto.
Era escuro.
Deitava na minha cama.
A cama flutuava comigo.
Parece que descia pra baixo.
Eu levantava.*

*Começava a viajar.
Via uma mata muito bonita.
Ia pro Amazonas,
Ia pra África,
Pra lugares distantes,
Que depois de moça,
Todo lugar que passava que eu tinha visto,
Eu queria visitar
Quando era criança.
Vi coisas estranhas.
Sofria muito.
Não tinha explicação.
Não tinha ninguém pra me instruir.
Pra me atender alguma coisa.
Fiquei moça.
Sempre tinha uma dor de cabeça.
Dor no estômago.
Trabalhava pra me descarregar.
Via os outros falar.
O que eu tinha.
Me ensinavam remédio.
Assim foi,
Que eu comecei a receber as entidades.
Minha irmã ficou muito doente.
Meu pai não deixava eu atender ninguém.
Me escondia.
Aí,
Vinha,
Outro sofrimento.
Minha irmã caiu muito doente.
Ela gritava:
“Meu caminho tá cheio de espinho”.
“Eu sinto mais de trezentas facadas no corpo”.
Ela gritava.
Noite e dia.*

Eu chegava perto,

Ela falava:

“Sai de perto de mim”.

Eu chegava.

Rezava.

O Pai Nosso.

Rezava muito.

Ela acalmava.

Voltava os negócios nela.

“Eu sei o que há em mim”.

Falava.

“Eu vou pro fogo do inferno”,

“Meu caminho tá cheio de espinho”.

E,

Gritava.

“Sai de perto de mim”.

Eu falava.

“Você não tem poder, quem tem poder é Deus”.

E,

Rezava.

Um dia,

De repente,

Minha mãe pegou a vassoura e saiu,

Varrendo,

Varrendo.

Se fosse preciso,

Até o telhado varria.

Pra tirar os feitiços da nossa casa.

Veio o pastor.

Veio o padre.

Falou:

“A casa tá endemonhada”.

Veio gente rezar na nossa casa.

Faziam corrente de oração.

Novena.

*Pra afastar o demônio,
De nossa casa.
Minha mãe ficou pesando uns vinte quilos.
Meu cunhado falou assim:
“Eu gasto minha última camisa que tenho, mas não levo minha mulher pro saravá”.
Ele falou Sarava.
Fiquei nervosa.
Não é entidade deles.
Eu senti o corpo tremer.
Isso não era vontade de Deus.
Se é pra sarar minha irmã.
Deixa que vem.
Seja lá quem for.
A Jurema veio.
Foi a primeira vez que incorporei a Jurema.
Pra salvar minha irmã.
E ela,
Deu um ponto de escape com a cabeça,
E o pé no chão,
Que ela era a Cabocla Jurema,
Que ninguém tirava dela,
E,
Que ela veio fazer caridade.
A partir daquele momento,
Ninguém mais ia ver
Ela chegar.
Ia cumprir a missão,
Que tinha comigo.
Minha irmã ficou boa na hora.
Ensinou remédios.
Banhos.
Pra minha irmã.
Falou pra eu fazer sete trabalhos de pontos.
Mandou comprar pano.
Comprar isso.*

*Comprar tudo o que tinha que fazer.
Aqui achava tudo isso.
Tinha pólvora.
Que os homens usavam.
Tinha vela.
Que era dos Católicos.
Ervas tinha.
Minha Cabocla trabalhava muito com ervas.
Ela vinha fazer banhos.
Fazia as coisas na minha irmã.
Minha irmã tava curada.
Ela também desenvolveu.
O Cacique Araú.
Começamos a trabalhar.
Meu pai pegou o meu cabelo.
Me jogou na rua.
Me disse,
Se eu fizesse mais essas coisas,
Eu não tinha mais um prato de comida.
Quando chegava as pessoas pra eu atender,
Era no mato que eu atendia.
Meu pai me largo trabalhando,
Ali no pé da árvore.
Não sai de casa.
Ia lá,
Benzia as pessoas,
Voltava,
Com a maior cara de pau.
Ele não podia me tocar.
Eu era filha dele.
E assim foi.
Eu conheci o que ia ser meu marido.
Veio me pedir em namoro.
Eu só namorava
Se ele me pedisse pra casar.*

*Se me tirasse do meu pai.
Pra cumprir minha missão.
Pra cumprir,
Eu casava com ele.
Ele enfrentava o capeta,
Pra casar comigo.
Aí,
A gente casou.
Veio a voz e disse,
Eu tinha que ir pra Bahia.
Eu disse pra ele,
“Só caso se você me levar pra Bahia”.
Ele trabalhou.
Juntou dinheiro.
A gente casou.
Dois anos depois.
Fomos pra Bahia.
Casei em 1969.
Em 1971 fui pra Bahia.
Fiquei sete meses lá.
Recolhida.
Fiquei na irmã Fátima.
Terreiro de Mãe Menininha.
Candomblé.
Raspei.
Derrubaram meu cabelo.
Fiquei careca.
Chorei!
Fiz uma promessa.
Nunca mais ninguém ia tocar na minha cabeça.
Aí mãinha [mãezinha] falou:
“Minha Filha, você veio aqui porque alguém te trouxe, porque sua mãe eu sou!”.
Você vai cumprir seu destino e você tá feita. Porque a sua mãe você não vai ver mais”.
Fui a última filha que ela teve,
Ela morreu.*

*O terreiro ficou pra mim.
E,
Pra mãe Crespa,
Que era filha dela.
Eu não quis voltar mais lá.
Procurei Pai Jaú.
Irmão de Santa Mãe Menininha.
Pai Jaú de São Paulo.
Tocava Catimbó.
Tirou a minha mão de vume.
Mão de morte.
Me iniciei no Catimbó.
A partir do momento que a pessoa que raspa a sua cabeça morre,
Faz curas,
Faz pontos,
Ela passa a tomar conta da sua cabeça.
Quando morre,
Você tem que limpar teu corpo.
Pai Jaú colocou a mão na minha cabeça.
Fiquei com ele dezoito anos.
Até ele morrer.
Eu já sabia tudo o que tinha que fazer.
Voltando pra trás.
Eu casei.
Vim morar na casa do tio.
Do meu próprio marido.
Ele falava que com feiticeira não trabalha.
Eu ia trabalhar em baixo do pé de árvore.
Juntei dinheiro.
Comprei um terreno.
Mil reais hoje.
Fiz minha casinha.
3 por 6 metros.
Morava na minha casinha.
Trabalhava na outra.*

*Faz trinta e oito anos que sou casada.
Fiz minha casinha com um ano de casada.
Fiquei grávida.
Fui pra Ponta Porã.
Continuei meu trabalho.
Voltei.
Pra ter minha filha.
Pra atender as pessoas.
Começou a juntar gente.
Gente.
Ficou pouco o lugar.
Fiz mais uma casinha.
3 por 4 metros.
Trabalhei.
Vinha mais pessoas.
Tinha gente de tudo quanto era lado.
Atrás de uma feiticeira.
Que curava.
Feiticeira do bem.
Em 1973.
Em 1972, já tinha construído um terreiro grande.
De 6 por 14 metros.
Ganhei um atabaque.
Ganhei um tocador de sanfona.
Minha irmã não queria.
Que eu tocasse,
O atabaque.
Ia fazer muito barulho.
Incomodar os vizinhos.
Mas vizinhos,
A gente não tinha.
A gente morava sozinho.
Era porque ela não gostava.
Daí,
O que eu fiz?*

*Resolvi fazer o meu terreiro.
Onde eu podia gritar e cantar.
Falei que não ia ter um só.
Ia ter uns seis ou nove atabaques.
Que quando eu fosse morrer,
Ante eu ia trabalhar,
Pra fazer minhas caridades.
Comprei esse terreno.
Vendendo flecha.
Eu não tinha dinheiro pra fazer.
Meus guias falavam que eu tinha que vender flechas.
Fui na aldeia.
Comprava as flechas.
Ia pra São Paulo.
Levava sacos e sacos de flecha.
Vendia no camelô.
Passei por tudo.
Praça da Sé.
República.
Rodoviária.
Nas pequenas vilazinhas.
Vendia lá.
Posava na praça pública.
Conseguia dinheiro.
Comprava mercadoria.
Trazia aqui pra vender.
Vendia.
Comprava mais flecha.
Conseguia dinheiro.
Voltava pra São Paulo.
Trabalhei cinco anos.
Indo e vindo.
De São Paulo.
Fazendo meus trabalhos.
Espirituais.*

*Paguei o terreno.
Comprei os materiais.
Construí meu terreiro.
Ninguém me ajudou.
Nenhum dia de serviço.
Meu marido fazia massa.
Carregava tijolo.
Sozinho.
Eu ajudava ele.
Muitas vezes.
Não tinha pessoas pra eu atender.
Largava dos meus afazeres.
Quando eu tava lá em cima.
Já pra colocar o telhado.
Deu uma tempestade muito grande.
Derrubou todinha a construção.
Ficou em terra.
Meu marido disse que eles [entidades], não queriam uma igreja,
Pra eu trabalhar,
Porque se eles quisessem,
Tinham segurado.
Eu falei que não era Deus.
Olhei tudo caído no chão.
Nos cantinhos que eu ia,
O povo falava que só ia dar,
Pra eu fazer uma igreja,
Porque diz que eu ia
Colocar um terreiro de macumba.
Eu vi tudo caído.
Ajoelhei.
Pedi.
“Deus, se você quiser que eu tenha a minha igreja pra fazer caridade, me ajude e levantar
outra vez”.
No outro dia,
Meu marido falou:*

“Você garante que nos vamos juntar e construir?”

Garanti.

Fui pra São Paulo vender flechas.

Trabalhava pra conseguir o meu Reino.

Consegui construir.

23 de junho,

Inaugurei o terreiro.

1974.

Tinha um terreiro grande.

Como eu queria.

Bonito.

Era para meus orixás.

Era o reino que eu dei pra Jurema.

Tudo o que você vê dentro dessa casa,

Eu trabalhei,

Eu comprei,

Eu construí.

Não tem nenhuma pedra,

Nenhum tijolo,

Dado por alguém.

Foi a minha lágrima,

Meu salário.

Pai Jaú morreu.

Depois de dezoito anos que eu estava com ele.

Tive que tirar a mão de vume.

A gente tem que continuar a tirar.

Porque a gente faz,

Sete, sete, sete, sete.

São vinte e oito anos que a gente tem que fechar o quadrante que é:

Norte,

Sul,

Leste,

Oeste.

Você tem cabeça,

Pé, direito e esquerdo.

Frente e costas.
Então são quatro pontos cardeais,
Que prevalece na vida.
Eu tinha sido consagrada já.
Isso quando eu fiz Catimbó.
Mãe menina não pode me consagrar.
Eu fiz com Pai Jaú.
Me deu tudo.
O que eu deveria pra ser consagrada.
Daí, eu fui pra Belo Horizonte.
Tem que ser feito uma preparação de sete anos,
Pra jogar búzios.
O pai-de-santo faz batismos.
Faz preparação.
Candomblé aqui não existia.
Nessa linha de projeção.
Só o Amor e Caridade.
Kardecismo.
Terreiro de Umbanda.
Eu era a única.
Era aberto para a sociedade.
Para o público.
A gente era cutucada.
Falavam:
“Aquela é feiticeira”.
Haviam outros terreiros.
Muitos médiuns trabalhavam em um barraquinho qualquer.
Na época tinha a dona Olga.
Particpei do terreiro dela.
Dois anos.
Depois era o meu terreiro.
Primeiro barracão construído foi o meu.
Tinha uma tal de Emanuela.
Um tal de Zé do Cachimbo.
Ele andava com uma bacia de santo na cabeça.

*Tinha seu Prudêncio.
Trabalhava dentro da casa dele.
Que nem eu.
Essas pessoas chegaram aqui e começaram a tocar a sua própria roça.
Trabalhava com a Jurema.
Com o Preto Velho.
Com o Protetor das Crianças [Cosme e Damião].
Quando viajei pro Rio e Minas,
Tive a formação da Umbanda.
Sete linhas.
Trabalhava aí com:
Boiadeiro,
Baiano,
Marujo.
Eram os espíritos encantados.
Comecei a participar do Baiano no Rio.
O Baiano e o Boiadeiro são espíritos catiços.
Que falavam na época.
Então o catiço,
Já não é como o Preto-velho,
O Caboclo,
Que são espíritos que tem separações no campo espiritual.
Porque no Candomblé,
Se pega um catiço.
Se é o Baiano ou o Boiadeiro.
O Caboclo tira de você.
Você não pode mais trabalhar com essas entidades.
Eu como amo muito minha Cabocla,
Jurema,
Nunca quis que me tirasse nada.
Eu sou rebelde!
Me desenvolvi sozinha.
Sem pai, nem mãe.
Meu pai era Jesus.
Minha mãe Maria.*

*Eu tinha muita fé nele.
Se eu tinha uma missão,
A gente tem essa oportunidade,
Eu procurei a me aperfeiçoar.
Pra eu entender melhor o que acontecia comigo.
Por isso, meu desenvolvimento.
Eu tive sozinha.
Sem ninguém me ensinar.
Ele chegava e deixava a sua mensagem.
Dava o ensinamento pra eu fazer isso ou aquilo.
De obrigação.
Meu pai e minha mãe,
Resolveram trabalhar comigo,
Até não agüentarem mais.
Com oitenta anos não conseguiram mais incorporar.
Meu pai,
Ano passado,
Com oitenta e nove anos,
Incorporou um Preto-velho.
Trabalhou anos e anos comigo.
Fundamos uma Federação em Campo Grande.
Fui Vice Presidente.
Por oito anos.
A Federação ainda existe,
Eu acho.
Dourados não tem.
Nunca quiseram.
Todo mundo trabalha,
A federação fiscalizava.
Porque nós temos os nossos fiscais.
Temos advogado.
Médico.
Temos tudo em Campo Grande.
Sou representante do meu Mato Grosso.
Fiz aparecer a Umbanda.*

*Fiz crescer a Umbanda.
Meu tio era administrador da Colônia Agrícola.
Vieram muitos nordestinos pra cá.
Mais chegavam caminhões,
E caminhões de pau-de-arara,
Aqui.
Cheio de gente.
Muitas vezes a gente dava pedaços da nossa fazenda.
A primeira coisa que faziam,
Era procurar o terreiro.
Naquele tempo,
Eu não podia atender.
Meu pai não deixava.
Eu era criança.
Tinha um casal de São Luís.
Eles tinham uma entidade que incorporava o jurerê.
Quando faziam coisa errada,
Eram castigados.
Tinha muito nordestino que encomendava trabalho.
No nordeste o que mais tinha era trabalho.
O Jurerê.
Lá se toca Jurema.
A Cabocla aqui fazia sucesso.
Baiano também.
Eles ficavam encantados,
Quando eu tocava,
Pra Baiano.
Pra eles,
Tavam no nordeste.
Ficavam incorporados.
Cada um fazia seu chapéu de Baiano.
Machete.
Isso,
Todos os que vinham de lá.
Ficavam sabendo do terreiro.
Me procuravam.
Falavam o que queriam.*

*A gira de Baiano toda a vida fez sucesso.
Atendia as pessoas do raiar do dia,
Até meia-noite.
Não tinha tempo pra mim.
Não tinha tempo pro meu marido.
Não tinha tempo pros meus filhos.
Eu trabalhava assim,
Até meus filhos ficarem moços.
Depois,
Surgiu igreja de crente.
Outros terreirinhos.
Um falando mal do outro.
Isso aqui é feitiçaria.
Macumbaria.
Muitos evoluíram,
Fizeram dinheiro,
Se afastaram daqui.
Porque tem pessoas que não tem dinheiro para gastar,
Aí,
Procuram o terreiro da Mãe N,
Chega gente morrendo,
Criança com doença de macaco.
Trabalho muito com os índios.
O índio tem muita oração com os espíritos.
A gente troca cultura,
Troca conhecimento.
Eu conheço um tipo de erva,
Ele conhece outro.
A gente se dá muito bem.
Já fui pro catequismo da aldeia no Rio de Janeiro.
Perto de Angra,
Tem uma aldeia.
No meio da mata,
Cachoeira,
Mar.
A coisa mais linda!
Eu fui lá!*

Ângela responde:

*Meu nome é Ângela,
Fui casada por sete anos,
Tem vinte que sou separada.
Moro em Dourados desde 1982.
Morava em Palmeira das Missões – RS.
Eu vi pra cá casada.
Vivi dois anos aqui.
Casada.
Sai daqui,
Grávida.
Voltei,
Meu filho tinha um ano.
Eu estava sozinha,
Com dois filhos.
Aqui não tinha nada,
Asfalto,
A cidade parecia uma construção.
Todo lugar que você olhava,
Tinha material de construção.
Era um lugar que tava crescendo.
Eu morava em Campo Grande,
Quando eu passei
Por aqui, achei muito a cara da minha cidade no RS.
Cheguei e,
Já gostei.
Não tinha morro.
Lembrava cidade de litoral.
Vim trabalhar aqui,
No que sempre trabalhei,
Coisa de culinária.
Doce,
Salgado,*

Comida.
Sou espírita umbandista.
Eu encontrei pela dor.
Pelo sofrimento.
Eu sempre fui muito certinha.
Muito querendo seguir tudo o que eu aprendi.
Como filha eu era muito obediente.
Não que eu não tivesse vontade própria.
Meu pai sempre queria o melhor pra mim.
Então mesmo que eu tivesse que sacrificar,
A minha vontade,
Eu obedecia.
Sempre gostei da vida muito certa.
Muito clara.
Mas mesmo assim,
Minha vida,
Só dava errado,
Errado,
Errado.
Tudo!
Pra ganhar dinheiro.
Amor,
Família.
Tudo dava errado.
Eu sentia muita necessidade de alguém,
Me dizer o porquê.
E tinha de ser alguém do lado de lá.
Procurei.
Cheia de preconceitos.
Me criei como se isso
Não fosse coisa do bem.
O pai dizia que se eu me metesse com isso,
Ia acabar louca.
Ao contrário,
Se eu não me metesse com isso,

*Ia acabar louca.
Foi o que me equilibrou.
Me tornei umbandista em 1981.
Foi no terreiro do Rio de Janeiro.
Casa de Ogum.
Era Umbanda.
Tinha o Caboclo Monte Negro,
Exú da Meia Noite.
Sete Encruzilhada.
Tinha uma briga,
Na época,
De exú na minha cabeça.
Foi preciso uma série de trabalhos com eles.
Era uma disputa entre Exú de Xangô e Exú de Ogum.
Nunca conseguia decidir nada.
Sempre tinha uma dúvida.
Chegava na esquina,
Não sabia se ia para um lado
Ou para o outro.
As coisas mais simples.
Na hora de calçar um sapato.
Brigava com meu marido.
Não podia nem olhar pra ele.
Era briga de homem na minha cabeça.
Não sabia de nada.
Pelo cunhado da minha tia,
Que morava no Rio,
Soube que tava doente.
Foi o tio Enércio que começou a me tratar.
Às vezes eu ia até o Rio antes de vir para Dourados.
Ai ele sarava as minhas loucuras.
Mas eu briguei com ele,
Com a entidade dele,
Em 1985.
Eu já tava morando no Rio.*

*E disse que ia vir embora.
O Caboclo Monte Negro disse.
Eu devia tá louca.
De onde eu tirei coragem pra vir,
Com dois filhos e sozinha.
Sem salário,
Sem dinheiro,
Só com as malas.
Eu tinha um dinheiro guardado.
Daria hoje...
Uns mil reais.
Comprei um fogão,
Um botijão.
O resto eu pedi.
Fui conseguindo.
Dona Lúcia morava na frente da minha casa.
Me deu uma mesa.
Comecei a fazer lanche.
Vender nos bancos.
Tinham muitos bancos aqui.
Era muito banco.
Quebravam com a inflação.
Eu entregava merenda nos bancos.
Pagava escola particular para os meus filhos.
Pagava aluguel.
Dormia no chão duro.
Mesmo.
Morava em cima da farmácia Brasil,
Na Marcelino Pires.
O ritual no Rio de Janeiro,
Começava com Preto-Velho.
Vinha depois a Cabocla.
Depois o Exú.
Não trabalhava com Baiano.
Encerrava com Exú.*

*Pra gente ficar mais leve,
Era criança,
Vinha pra levar embora.
São Cosme e Damião.
Não ia muito no terreiro.
Era complicado.
Ficava na periferia.
Em Dourados?
Eu chorava sem parar.
Ainda casada,
Meu marido me levou no psiquiatra.
Me deu remédio.
Eu não tinha expressão facial.
O médico disse que meu problema,
Era espiritual.
Me mandou ir para o centro espírita.
Pro seu Adalberto,
Já é falecido.
Em três sessões,
Parei de chorar.
Voltei para o Rio Grande.
Voltei Grávida.
Separada.
Nasceu o neném,
Voltei pra Dourados.
O Exú falou pra mim,
Que seria esperada aqui.
Pensei na minha vizinha,
Dona Lúcia.
Quando cheguei,
Tava lá,
A Preta-Velha,
Vovó Maria Ina.
Foi o primeiro espírito que chorou comigo.
Me ajudou a me curar.*

*Não visitei muitos lugares.
Fiquei com o Jair, a Mônica,
Ivonete.
Mônica, trabalhava com a Cabocla Caiçara.
A Mara trabalhava com o Caboclo Roxo.
Sete Flechas.
João Boiadeiro.
Suzana, a Pomba gira.
Maria Havaiana.
Maria Ina.
O ritual era simples.
Pouca imagem.
Nunca aprendi a bater cabeça pra entidade.
Estar,
Com o coração puro,
Limpo.
Humilde.
Baiano tinha.
O terreiro era ali,
Onde era o supermercado Moreira.
O Santo Antônio.
Seu Jair trabalhou no terreiro da Mônica.
Eu não me sentia bem nos lugares.
Sempre gostei de coisas simples.
Eu não gostava de trabalhar com Baiano.
Tinha a Taninha, o Cobra Coral, Irmo Marinheiro,
Baiano.
Uma entidade do meu tio,
Sete Encruzilhadas,
Foi Pilatos,
Não o próprio.
Mas alguém que tinha uma vida nas mãos,
E não salvou.
Saí do Seu Jair,
Fui trabalhar com seu João.*

Levava a sério.

Minha entidade preferida é o Preto-Velho,

Pai Benedito.

O primeiro que me compreendeu.

De verdade.

Depois,

O Sete Luas,

Caboclo do seu Jair.

Baiano tinha,

O João do Terreiro,

Seu Antônio,

Zé da Cruz.

As pessoas procuram Baiano,

Porque o Baiano,

Ele cuida,

Do espírito e da matéria.

É mais claro.

Se o filho não quer enxergar,

Ele deixa tentar.

O terreiro do Seu Jair,

Era muito severo.

As mulheres tinham que usar roupa branca.

Comportada.

Tudo igual.

No T, não precisa estar todos iguais.

Nos severos não havia muita gente.

No T cada um faz o que faz.

Cada um leva o que vai buscar.

Quem vai com o coração aberto,

Sai muito bem.

Eu me servi.

Agora,

Quero servir.

Eu sou médium.

Só sinto a vibração.

*Eu sinto um Caboclo homem.
Uma Baiana e
Um Baiano.
O Baiano é flexível,
Uma moleza.
O Caboclo é mais sério.
Pisa firme,
Pisada mais objetiva.
Não sei porque eu sinto.
Eu escuto com os ouvidos da mente.
É do terreiro que eu trago um pouquinho de esperança.
É como se abastecesse meu íntimo.
Discriminação.
Na minha família.
Foi Deus que me guiou para esse caminho.
Não sei.
Umbanda,
É a alma do Brasil.
O Baiano é o princípio do Brasil,
Por que ele começou na Bahia.
O Baiano traz segurança,
Harmonia.
Marinheiro,
Limpeza.
Baiano é da segurança,
Defesas.
Boiadeiro é da condução,
Manter unido.
Se apresenta com um laço.
Baiano tem facão,
Chapéu de couro.
Quebrar coco,
Significa:
Abrir sua cabeça.
Baiano pra defender a fronteira.
Linguajar de Boiadeiro,
Campeiro.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse é o momento de avaliar o que é considerável dessa pesquisa que se realizou em dois anos e meio de trabalho.

Tenho consciência das opções que fiz e do que ficou a desejar, assim como tenho consciência do desafio a que me propus e das dificuldades que enfrentei. Tudo isso é parte do processo de caminhar, de seguir com o aprendizado, com a percepção acerca dos símbolos que compõem o mundo em que vivemos.

Nesse trabalho objetivei analisar um microcosmo do universo que são as expressões umbandistas, sobretudo em Dourados.

Nos quatro capítulos que apresentei, posso dizer que o aprendizado conquistado ainda está no campo da *estranheza*, pois há muita coisa para se conhecer nesse objeto de pesquisa.

Desenvolvi uma estrutura de texto dentro da minha capacidade, que foi sendo construída aos poucos, na medida que entendia o desenrolar do processo, na medida que entendia cada um dos conceitos necessários para a análise da Gira de Baianos.

Compreendo a Gira de Baianos como um elemento novo no contexto da religiosidade umbandista, que ganhou fama, faz sucesso, porque apresenta na sua inversão, na sua carnavalização do social, tipos marginalizados do qual a Umbanda é partícipe e tributária.

A organização de seus rituais não está de modo algum dissociada do meio social, os diálogos entre os dois universos são constantes e multifacetados, cheios de representações, compostos de imaginários.

A Umbanda, ao dialogar com esse meio, manipula elementos simbólicos ressignificando-os, agregando a esses elementos novos sentidos, cujo desiderato é uma nova forma da legitimação de seu discurso, é um meio também de conquistar espaço, simbólico e concreto.

A gira de Baianos, nesse sentido, é produto dessa interação, dessa interconexão que se realiza no *habitus*, onde as “culturas” se movem, caminham para a mestiçagem de seus elementos, compondo uma nova liturgia.

Entendo a gira de Baianos de Dourados como um exemplo claro do processo de constituição de representações e imaginários, dialogado com a cultura local, produzido frente aos estigmas locais.

Por isso quando digo “Os Baianos se pintam de Dourado(s)”, me refiro à capacidade dessa religiosidade de dialogar com o mundo externo, gerando a seu favor contribuições que a

ampliam no teatro social, cujo discurso está sempre ao encontro das necessidades de seus partícipes.

Esses partícipes se vêem representados nas entidades que eles consultam. Os seus discursos, a sua prática mágica, é a representação dos desejos, da atenção que se requer, e ao mesmo tempo, de uma satisfação atendida.

Nesse mundo moderno e industrial, essas entidades, como do dizer de Ordep Serra, estão entre os terapeutas modernos, e os xamãs tribais, e ao se posicionarem nessa fronteira, unem dois universos paralelos, mas necessários: o ritual, a magia, que satisfaz os olhos, o desejo de uma fé concreta satisfeita, e também, a análise das ações desse sujeito, que nesse mundo moderno, encontra-se sem referências.

Em cada ritual que se realiza nesses terreiros, parece sempre que há um recomeço, como um ciclo de vida que se inicia e termina de acordo com as demandas que as entidades enfrentam ou de acordo com os grupos de fiéis que ali aparecem, reelaborando os imaginários que constituem a sua liturgia.

Assim, quando penso no que esses imaginários proporcionaram a todo esse processo, penso em três circunstâncias:

A primeira relacionada com a descoberta da globalização do real, da harmonia que os homens conquistaram em relação ao cosmos, e, por outro lado, da ordem social como exigência do bem estar coletivo, daí, sua dificuldade em sacralizar e naturalizar as desigualdades sociais.

A segunda consiste na importância da subjetividade e da ética como uma máxima do valor da humanidade, tentando libertar-se da idéia da soma de comportamentos salvadores individuais com o bem comum.

Por último, a resistência contra a injustiça, a defesa dos oprimidos e o medo de fixar uma utopia puramente 'pós-histórica' na solução dos males sociais, apesar da representação de uma esperança de possibilidades para um novo mundo.

O conteúdo da análise desse trabalho se diluiu ao longo dos capítulos que compõem essa pesquisa. Tive por objetivo discutir questões mais teóricas, como a composição dos imaginários e o conceito de representações, em dois capítulos à parte, para que o terceiro e o quarto capítulo, de caráter mais antropológico, mais descritivo, não perdesse a sua riqueza em meio a abordagens teóricas.

Acredito ter satisfeito esse objetivo, pois, o capítulo que me refiro como o objeto central da pesquisa, se apresentou totalmente descritivo, mas dentro da proposta: a relação dos Baianos com a cidade de Dourados.

O último capítulo, dedicado a Hubert Fichte, por sua influência, apresenta três histórias de vida que entendo, no bojo das entrevistas realizadas, serem as mais significativas para expressar a idéia de que o outro deve falar por si só. Quando organizei tal capítulo, pensei que o leitor ao ler as histórias, remeter-se-ia a toda a análise apresentada na pesquisa, à medida em que percorresse as linhas dessas etnopoemas.

Refletindo sobre o dizer de Fichte: “A linguagem da imagem científica do mundo fez com que o mundo se parecesse com ela, e as deformações nessa linguagem também são co-responsáveis pelas deformações em nosso mundo”, (p.32).

Arrisco formular uma indagação cuja resposta me parece distante: A linguagem que usamos para traduzir o mundo tem traduzido ou deformado?

Para finalizar, convido o leitor para fechar essa dissertação do mesmo modo como são fechadas as giras nos terreiros.



*“Eu fecho a nossa gira com Deus e Nossa Senhora
Eu fecho a nossa gira sambolê pamba de Angola.
Estão fechados os nossos trabalhos e nós pedimos a proteção
A Deus pai todo poderoso e a Virgem da Conceição”.*

REFERÊNCIAS

A FOLHA DE SÃO PAULO. **Iemanjá**. 2005. 1 fot.: color; 14,6 x 16.

ANDRADE, Maria Antônia A. de. **O espaço simbólico como articulação do processo ideológico e do processo representativo**. João Pessoa: MC/UFPB, 1995.

ÂNGELA. **Entrevista concedida pela cambone da Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá**. Dourados, 11 set. 2005.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo**. Tradução Marcos Santarrita. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BAKHTIN, Mikail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Tradução José Carlos Barcelos. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985. (Sociologia e religião).

BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da Magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BÍBLIA, A. T. Gênesis. Português. Bíblia Sagrada. São Paulo: Ed. das Américas, 1950. Cap. 2, vers. 7.

BIRMAM, Patrícia. **O que é Umbanda?**. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Primeiros Passos).

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu: sociologia**. Renato Ortiz (org.) Tradução Paula Monteiro e Alicia Auzmendj. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BROWN, Diana et al. **Umbanda e política**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

BURKE, Peter. **A escrita da História**. São Paulo. UNESP, 1992.

CAMPOS, Fausto V. **Retrato de Mato Grosso**. São Paulo: 1960.

CANCLINI, Nestor. **Cultura Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1998.

CARNEIRO, Edson. **Ladinos e Criolos: estudos sobre o negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. (Retratos do Brasil, v. 28).

CASALI, Rodrigo. **O transporte rodoviário nas relações comerciais da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (1950-1970)**. 2003. Iniciação Científica (PIBIC/ CNPq). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS – *campus* Dourados/ MS.

_____. **Caderno de anotações das visitas nos terreiros de douradenses**. Dourados, 2004/2005. 50p.

_____. **Abertura das cortinas**. 2005. 1 fot.: color; 10 x 16 cm.

_____. **Prece de fechamento de ritual**. 2005. 1 fot.: color; 12 x 16 cm.

_____. **Altar central da Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.** 2005. 1 fot.: color;
11,4 x 16 cm.

_____. **Baiano Zé do Coco.** 2005. 1 fot.: color; 16 x 23 cm.

_____. **Altar central.** 2005. 1 fot.: color; 11 x 16 cm.

_____. **Incorporação da Maria do Balaio.** 2005. 1 fot.: color; 16 x 20 cm.

_____. **Casa das Almas.** 2005. 1 fot.: color; 12 x 16 cm.

_____. **Assentamento de Caboclos.** 2005. 1 fot.: color; 11 x 16 cm

_____. **Altar de Preto-velho.** 2005. 1 fot.: color; 16 x 17,2 cm

_____. **Iemanjá.** 2005. 1 fot.: color; 16 x 21 cm.

_____. **Processo de Incorporação.** 2005. 1 fot.: color; 16 x 17 cm.

_____. **Fechamento das cortinas.** 2005. 1 fot.: color; 12 x 16 cm.

_____. **Antônio Baiano.** 2005. 1 fot.: color; 11 x 19,5 cm.

_____. **Maria do Balaio.** 2005. 1 fot.: color; 16 x 23 cm.

_____. **Liturgia da Maria do Balaio.** 2005. 1 fot.: color; 12,5 x 16 cm.

_____. **Zé Pilintra.** 2005. 1 fot.: color; 16 x 23,6 cm.

_____. **Mané Baiano.** 2005. 1 fot.: color; 16 x 23,5 cm

_____. **Maria Rosa**. 2005. 1 fot.: color; 16 x 19,5 cm.

_____. **Antônio Baiano riscando ponto**. 2005. 1 fot.: color; 16 x 18,5 cm.

_____. **Ponto riscado 1**. 2005. 1 fot.: color; 10,5 x 16 cm.

_____. **Ponto riscado 2**. 2005. 1 fot.: color; 11,5 x 16 cm.

_____. **Ponto riscado 3**. 2005. 1 fot.: color; 16 x 22 cm.

_____. **Quebra do coco 1**. 2005. 1 fot.: color; 11,7 x 16 cm.

_____. **Quebra do coco 2**. 2005. 1 fot.: color; 16 x 21,7 cm.

_____. **Baiano Zé Preto**. 2005. 1 fot.: color; 16 x 21,4 cm.

_____. **Baiano Zé do Coco**. 2005. 1 fot.: color; 16 x 21,4 cm.

_____. **Cruzeiro da Igreja Bom Jesus da Lapa, Bahia**. 2005. 1 fot.: color; 16 x 23,6 cm.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Tradução Ephrain Ferreira Alves. 9 ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. **Entre Práticas e representações**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1986.

_____. **A beira da Falésia: a história entre a certeza e a inquietude**. Tradução Patrícia Chitoni Ramos. Porto Alegre: EUFRGS, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. (Mito História do povo brasileiro).

CONCONE, Maria Helena V. B. Caboclos e Pretos-Velhos da Umbanda. In: PRANDI, Reginaldo. **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

_____; NEGRÃO, Lísias. Umbanda: da representação à cooptação. O envolvimento político partidário da umbanda paulista nas eleições de 1982. **Cadernos do ISER**, n. 18: Rio de Janeiro, 1985.

CREPALDI, Adilson. **O rezador e a história**. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS, Dourados.

DÉBORA. **Entrevista concedida pela médium do Ilê de Togoginã**. Dourados, 20 abr. 2005.

DONA APARECIDA. **Entrevista concedida pela partícipe da Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá**. Dourados, 19 set. 2005.

DONA GENY. **Entrevista concedida pela fundadora do Centro Espírita Amor e Caridade**. Dourados, 07 jul. 2005.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. **Sobre os conceitos e as relações entre a história indígena e etnohistória**. 2004. (mimeo).

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Tópicos).

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Brujería, magia y oráculos entre los azande*. Barcelona: Anagrama, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org). **História oral: Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, Casa de Oswaldo Cruz, CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FICHTE, Hubert. **Etnopoesia: antropologia poética das religiões afro-americanas**. Tradução Cristina Alberts e Reny Fernandes. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GAARDER, Jostein (org). **O livro das Religiões**. Tradução Isa Mara Lando. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

GASPAR, Eneida D. **Guia de Religiões populares no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: CTC, 1979.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GRESSLER, L. A.; SWENSSON, L. J. **Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul: destaque especial para o Município de Dourados**. [Dourados], 1988.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

HOUTART, François. **Mercado e Religião**. São Paulo: Cortez, 2003.

LACAN, Jacques. **O seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)**. Tradução M. D. Magno. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAPLANTINE, François. As Três vozes do imaginário. Tradução Sérgio Coelho. **Revista Imaginário**, USP, n. 1, out. 1993.

LIGIÉRO, José L. **Iniciação ao Candomblé**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record; Nova Era, 2000.

MÃE N. **Entrevista concedida pela chefe da Tenda de Umbanda Cabocla Jurema e Ogum Guerreiro**. Dourados, 29 e 30 jan. 2005.

MAGGIE, Yvone. **Guerra de Orixá**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAGNANI, José G. C. **Umbanda**. São Paulo: Ática, 1992.

MATTOSO, José. **A escrita da história** – Teorias e métodos. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.

MAUSS, Marcel. *As Técnicas Corporais*. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974. vol II.

MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lília M. (org.) e NOVAIS, Fernando A. (Coord.). **História da vida privada no Brasil**, contrastes da intimidade contemporânea, São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Editado em inglês por Gerard Duveen. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Tradução Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2004. (A obra-prima de cada autor).

OLIVEIRA, Benícia Couto de. **A política de colonização do estado novo em Mato Grosso (1937-1945)**. 1999.. Dissertação (Mestrado em História) - UNESP/Assis.

ORTIZ, Renato. **A morte Branca do Feiticeiro Negro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DOURADOS. Mapa de Dourados. dwg. 2002. Mapa da cidade de Dourados com a localização de alguns terreiros. Instituto de Planejamento de

Dourados/ MS. Auto cad 2006. Editado em Corel draw X3, **Mapa de terreiros.cdr**. Criação & Expressão – artes gráficas, 2006.

PIERCE, Charles S. **Semiótica e Filosofia**. Tradução Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1962.

PRANDI, Reginaldo. Religião paga, conversão à serviço. **Revista de Estudos históricos – CEBRAP**, n. 45, julho 1996.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

_____; SOUZA, Patrícia Ricardo de. Encantaria de Mina e São Paulo. In: PRANDI, Reginaldo. **Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

QUEIROZ, Paulo R. Cimo. **Uma Ferrovia entre dois mundos: A. E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do Século 20**. Bauru, SP: EDUSC,. 2005.

RIBEIRO, Cláudia R. **A dimensão simbólica da arquitetura: parâmetros itangíveis do espaço concreto**. Belo Horizonte: FUMEC-FACE, C/Arte, 2003.

RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é magia**. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Primeiros Passos).

RICARDO, Cassiano. **Marcha para Oeste**. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio/ EDUSP. 1970.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo: Nacional, [1933], 1977.

SÁ JÚNIOR, Mário Teixeira de. **A invenção da alva nação umbandista: a relação entre a produção historiográfica brasileira e a sua influência na produção dos intelectuais da Umbanda (1840-1960)**. 2004. 107f. Dissertação (Mestrado em História) – UFMS, Dourados.

_____. **Baianos e Malandros: a sacralização do humano no panteão umbandista do século XX. Fronteiras:** revista de História, Campo Grande/ MS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, n. 1, 2005.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira.** 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SARACENI, Rubens. **Doutrina e Teologia de Umbanda Sagrada:** a religião dos mistérios, um hino de amor à vida. São Paulo: Masdras, 2003.

SCHUTEL, Cairbar. **Preces Espíritas.** São Paulo: O Clarim, 2003.

SENHOR T. **Entrevista concedida pelo chefe da Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá.** Dourados, 07 jul. 2005.

SEIBLITZ, Zélia. A gira profana. **Cadernos do ISER,** Rio de Janeiro, n. 18, 1985.

SERRA, Ordep. **Águas do Rei.** Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SINGER, Paul. Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento. In: FAUSTO, Boris (dir.) **História geral da civilização brasileira.** São Paulo: Difel, 1984, v.4.

SILVA, Wagner G. **O antropólogo e sua magia.** São Paulo: EDUSP, 2000.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade:** a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002. (Bahia Prosa e poesia).

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia.** Tradução de José Afonso Furtado. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de Santa Cruz:** feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial, 1989.

SOUZA, André Ricardo. Baianos: novos personagens afro-brasileiros. In: PRANDI, Reginaldo. **Encantaria Brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

TRIGGER, B. G. **Etnohistória**: problemas y perspectivas. Tradução de C. T. Micheli. San Juan: Traduciones y comentarios, 1982.

TOGOGINÃ, Pai T do Ilê de. **Zé Pilintra do Terreiro da Neti em gira de Baiano**. 1980. 1 fot.: color; 11 x16 cm.

_____. **Gira de Baiano**. 1980. 1 fot.: color; 16 x 20,7 cm.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana de. **Brasil de todos os Santos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. (Descobrimo o Brasil).

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil, 1989.

_____. **A Heresia dos índios**: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial, 1995.

_____. (org). **Dicionário do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

OBRAS CONSULTADAS

BASTIDE, Roger. **As religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1985.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Tradução Denise Bottimam. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAMARGO, Cândido Procópio F. de. **Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1961.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1996.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da História: como os historiadores mapeiam o passado**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GAETA, M. A. J. V. A cultura religiosa popular: polêmicas, aporias e desafios hermenêuticos. **Estudos de História**, Franca, v.7, n.1, 2000.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (História & Reflexões, 5).

PRANDI, Reginaldo. **Segredos Guardados: orixás na alma brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e Futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SANTOS, Marina de Souza. **O migrante nordestino em Dourados** (1940-1970).
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS/Dourados, Dourados, 2000.
(Monografia de especialização).

SILVA, Carlos A. B. da. **Vale dos Orixás**: conflito ritual entre os terreiros. Cuiabá:
UNICEN, 2002.

WHITE, Hayden. **Meta-história**: a imaginação histórica no século XIX. Tradução José
Laurêncio de Melo. São Paulo: Edusp, 1992.

Autorizo a reprodução deste trabalho desde que citada a fonte.

Dourados, 20 de Novembro de 2006.

RODRIGO CASALI